

## AUSLOTEN

DE CLAUDIA FISCHER

“Não se pode ensinar nada a um homem; só podemos ajudá-lo a descobri-lo em si mesmo.”  
(Galileo Galilei)

Na *rentrée*, a Galeria Belo-Galsterer apresenta o projecto individual AUSLOTEN da artista alemã Claudia Fischer que mostra duas séries recentes: *Bodenlos* (2014) até agora só apresentada na Alemanha<sup>1</sup> e *VALUABLES* (2015) que é o trabalho mais recente e inédito da artista.

O título desta exposição é *Ausloten*. Esta palavra descreve o acto de tentar encontrar um equilíbrio; poderá ser um equilíbrio entre comportamentos, bem como o equilíbrio entre vários elementos. Além disso, *AUSLOTEN* significa também definir, explorar e esclarecer a profundidade de algo. Duas séries diferentes, uma a preto e branco, outra a cores, que têm em comum o grande interesse pelo “objecto”, explorado de forma minuciosa e com muita atenção. Como diz Margarida Medeiros, “a ideia que a autora persegue como um detective ou cientista”<sup>2</sup>.

Em *Bodenlos* são as raízes que cresceram em demasia dentro de vasos pequenos, tentáculos que encontram o mínimo espaço disponível. Em *VALUABLES*, Fischer explora com uma câmara de grande formato objectos de pequena dimensão, mas que através da técnica usada se tornam imagens profundas e misteriosas: parece que o nosso olhar entra para dentro destas pequenas caixas, que também foram captadas fixando todos os pormenores nelas existentes – as fibras do papel antigo, os grãos de pó que se alojaram em tantos anos (algumas destas caixas que guardavam placas fotográficas têm 100 ou mais anos), o papel marcado pela oxidação do tempo. Aqui também nos sentimos como detectives que se encontram à procura de uma pista, a qual se poderia encontrar em alguns destes pormenores... As caixas são detentoras de uma história – a do século XX – à qual já não conseguimos aceder. Elas sobreviveram ao século XX; e fizeram a sua entrada no século XXI, o século digital e da internet.

Quem conhece melhor o trabalho da artista consegue encontrar semelhanças entre esta nova série *VALUABLES* e a série de *Kostbare Fracht* em que temos uma perspectiva de visão e profundidade de imagem parecida. Tanto numa como noutra série os nomes são simbólicos: fazem-nos pensar e sonhar o que poderão ter incluído e guardado estas caixas, grandes ou pequenas, não sabemos. Sabemos é que com esta nova série, a artista partilha connosco imagens de profundidade, importância e significado, num tempo em que tudo se tornou superficial e fugaz.

<sup>1</sup> Apresentado na exposição *VERANKERN* no Mosteiro Santo Agostinho, Gotha

<sup>2</sup> Margarida Medeiros: “Imagens para uma transição”, in: Berthold Brecht Str. 22, cat. da exposição *CORREDORES HABITADOS*, Centro de Arte de Sines (2006)

## BIOGRAFIA

**Claudia Fischer** vive e trabalha em Lisboa e Jena. Estudou Linguística e Literatura Inglesa e Russa na Universidade Friedrich Schiller, em Jena e no Institut Pushkin, em Moscovo, Fotografia no Kent College of Art and Design, Rochester e no Bournemouth College of Art and Design, fotografia e arte dos media na Hochschule für Grafik und Buchkunst-Academy of Visual Arts, em Leipzig e Mestrado em Belas Artes na Bauhaus University, Weimar and Brookes University Oxford.

Algumas das suas principais exposições individuais: Anderswo (2014), Jenaer Kunstverein; Verankern (2014), Mosteiro St Augustine, Gotha; Kostbare Fracht(2012), Inventur (2010), Heimische Arten (2009) , Gallery Loris Berlin, Bodenlos (2011), Gallery Schöning, Frankfurt a. Main, Expedition (2010), Gallery Stadtspeicher Jena, Personal Belongings (2007), Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

Algumas das suas principais exposições colectivas: Bodo Graef Art Award(2015) Romantikerhaus Jena, Power & Art(2014), Thuringian Parliament, Sinn(Lichkeit) Der Dinge(2013), Mosteiro Zehdenick; Natura. Paisagem e Natureza (2013), Museu Nogueira da Silva Braga, In Transit(2012), Month of Photography, East Station Berlin, The Best Of All Possible Worlds (2011), Carpe Diem Arte e Pesquisa, Lisboa, Ulysses Fascination-Voyages Without Frontiers (2008), Territories of Transition, (2007),Galeria Luís Serpa Projectos, Lisboa, Lisbonne/ Lisboa (2004), Grande Halle de La Vilette, Paris.

Trabalhos em várias colecções públicas e privadas: Ministério da Ciência de Turingia, Investigação e Arte; Colecção de arte da Friedrich Schiller University, Jena; Fundação Jenacon; Banco Espírito Santo, Portugal; Museu Temporário, Portugal; Museu Nacional da Ciência e Técnica, Portugal.

## AUSLOTEN

BY CLAUDIA FISCHER

“You can not teach a man anything; we can only help him discovering it in himself. “ (Galileo Galilei)

In this year's rentrée, Galeria Belo-Galsterer presents the project AUSLOTEN by German artist Claudia Fischer. The artist shows two series: Bodenlos (2014), until now only presented in Germany<sup>1</sup>, and Valuables (2015), which – we are proud to say – is the most recent and unpublished work of the artist.

The title of this exhibition is Ausloten. A word that describes the act of trying to find a balance. In addition, AUSLOTEN means also to define, to explore and to clarify the depth of something.

Two different series, one in black and white, the other in color, which have in common a great interest in the “object”, explored in detail and with great care. As Margarida Medeiros said it, “the author pursues an idea as a detective or scientist would.”<sup>2</sup>

In Bodenlos we see the white roots that have been growing too much in small vessels, like tentacles that tried to find the last available space in the dark earth. In Valuables, Fischer explores with a big format camera objects of small dimensions, but these small objects become images images of great depth and mystery by the technique she has used: it seems that our attention is drawn into the inside of these little boxes, which show also all details existing on them - those of ancient paper fibers, dust grains that fixed themselves already many years ago (some of these boxes that kept photographic plates are over 100 years old), and the paper is marked by the oxidation, by time. Here we, too, feel like detectives who are looking for a clue, which one might find in some of these details ... Boxes are holders of a history - the twentieth century - which we can no longer access. They survived the twentieth century; and made their entry into the twenty-first century, the century of the digital and the internet.

Who knows the work of the artist better, may find similarities between this new Valuable series and the series of Kostbare Fracht where we have a similar point of view and depth, concerning the portrayed objects. In both series the names are like symbols: they make us think and dream what may have been included and kept in these boxes, large or small, we do not know. But we know that with this new series, the artist shares with us images of depth, importance and significance, at a time everything has become superficial and fleeting.

---

1 Presented at VERANKERN exhibition at the St. Augustine Monastery, Gotha

2 Margarida Medeiros: “Imagens para a transição”, in: Berthold Brecht Str 22, exhibition catalogue, CORREDORES HABITADOS, Centro de Arte de Sines (2006)

## BIOGRAPHY

**Claudia Fischer** lives and works in Lisbon and Jena. She studied Linguistics and English and Russian literature at Friedrich Schiller University in Jena and at the Institute Pushkin in Moscow, Photography in Kent College of Art and Design, Rochester and Bournemouth College of Art and Design, Photo and art media in Hochschule Fur Grafik und-Buchkunst Academy of Visual Arts in Leipzig and Master of Fine Arts at the Bauhaus University, Weimar and Oxford Brookes University. Some of her major solo exhibitions: Anderswo (2014), Jenaer Kunstverein; Verankern (2014), St. Augustine's Monastery, Gotha; Kostbare Fracht (2012), Inventur (2010), Heimische Arten (2009), Loris Gallery Berlin, Bodenlos (2011), Gallery Schöning, Frankfurt a. Main, Expedition (2010), Gallery Stadtspeicher Jena, Personal Belongings (2007), Calouste Gulbenkian Foundation, Lisbon. Some of her major group exhibitions: Bodo Graef Art Award (2015) Romantikerhaus Jena, Power & Art (2014), Thuringian Parliament, Sinn (Lichkeit) Der Dinge (2013), Monastery Zehdenick, Natura. Paisagem e Natureza (2013), Nogueira da Silva Museum, Braga , In Transit (2012), Month of Photography, East Station Berlin, The Best Of All Possible Worlds (2011), Carpe Diem Art and research, Lisbon, Ulysses Fascination-Voyages Without Frontiers (2008) Territories of Transition (2007), Luis Serpa Projects Gallery, Lisbon, Lisbonne / Lisboa (2004), Grande Halle de la Vilette, Paris.

Works in several public and private collections: Thuringian Ministry of Science, Research and Art, Art Collection of the Friedrich Schiller University, Jena; jenacon-foundatio; Banco Espirito Santo, Portugal; Museu Temporário, Portugal; Museu Nacional da Ciência e Técnica, Portugal.

## GRAZIE MILLE, MILLE GRAZIE

DE ALEXANDRE CONEFREY

“O desenho é complexo porque abre espaços e tempos por vezes longínquos e desconexos fazendo-os conviver”  
(Nuno Faria, 2012)

Temos muito gosto em poder apresentar esta segunda colaboração com o artista Alexandre Conefrey, desta vez num formato de exposição individual, no espaço da Galeria Belo-Galsterer.

Alexandre Conefrey apresenta três séries de desenho distintas; em formato, técnica e significado, desenvolvidas ao mesmo tempo. O trabalho do artista parte sempre do desenho, que é pensamento, instrumento de concretização, funcionando como mediador entre nós e o mundo. Assim, apresentamos as propostas mais recentes, sendo um encontro entre várias linguagens presentes na obra de Conefrey, revelando as distintas camadas temporais e semânticas com as quais o artista se debate; é um trabalho ora geométrico e de linhas precisas, ora minucioso e figurativo, e ainda leve e intuitivo.

A primeira série é a dos desenhos geométricos, que segue na linha dos trabalhos como a série “Mockingbird” (2014)<sup>1</sup>, ou como a série “Sem Título” (2013)<sup>2</sup>. Não obstante, esta série mais recente de 2015, apresenta uma novidade importante: a cal que é aplicado sobre o papel introduz matéria. Nas várias conversas com o artista, Conefrey afirmou que entre outros, o Minimalismo sempre foi importante.<sup>3</sup>

As repetições e variações de círculos, semi-círculos e linhas que se (entre)cruzam e afastam sobre o papel, criam um movimento perpétuo, e sobrepõem-se a um primeiro desenho accidental – o da estrutura da cal. É no contraste entre a superfície rugosa, intervencionada do desenho-objecto, que as inscrições se destacam e marcam passo e compasso, como se de uma partitura de música se tratasse (aliás, esta comparação com a música não é inédita, a forma abstracta que Conefrey explora na sua obra tem por vezes proximidades com a imaterialidade da música)<sup>4</sup>. Conefrey cria um ritmo visual – pelas formas e pela alternância entre cor e não-cor – que preenche as paredes da galeria – como num alegro de uma peça de música clássica. E não nos vamos esquecer das duas instalações – desenhos super dimensionados e simplesmente encostados à parede – que fazem a repetição do tema, a cal sobre madeira sobre a qual Conefrey desenhou num formato 1:6 um desenho que remete para a série dos mais pequenos em formato A4. Só que estes desenhos-instalação obrigam o observador a abrandar o seu passo, como se de um andante se tratasse.

Nas outras duas séries de desenhos, Conefrey apresenta-nos paisagens, reais e imaginárias que como pano de fundo têm o mar, os navios, a vela...<sup>5</sup> Ambas as séries debatem-se com navios e barcos à vela: nos desenhos a carvão (com tamanho de aproximadamente um A3) os barcos escondem-se por entre as linhas e manchas criadas pelo material poroso e oleoso do carvão que deixa a sua marca leve e fugitiva, entre luz e sombra, sobre a superfície do papel, desvendando e revelando assim as profundezas do mar e os que se propõem dominar esse elemento.

1 A série “Mockingbird” foi apresentada na exposição homónima no Museu Nogueira da Silva, Braga, Outubro de 2014

2 Esta série foi apresentada na exposição colectiva Oracular Spectacular, Jan-Abril 2015, no CIAJG, comissariada por Nuno Faria.

3 Donald Judd (Minnesota, 1928 / Morreu em Nova Iorque, 1994). “Os “objectos específicos” de Donald Judd (como ele próprio os definiu) provocaram uma análise e redefinição revolucionária da escultura, tornando o artista um dos mais importantes desta corrente artística que ficou conhecida como Minimalismo.” (Do texto de apresentação do livro: Donald Judd: Architecture, Hatje Cantz, 2003, ed. Peter Noever. Textos: Rudi Fuchs, Brigitte Huck, Donald Judd, Peter Noever.)

4 “A situação aqui em causa, a que de algum modo o título desta série de desenhos remete, tem um paralelo na natureza insubstancial e aparentemente imaterial do som, do canto, da voz”, Cit. Nuno Crespo, em *Mockingbird*, Out. 2014.

5 A paisagem é um tema recorrente na obra do artista: na exposição colectiva “Os Últimos Dias” (2000) no CAM, da Fundação C. Gulbenkian Conefrey mostrou paisagens (gouaches com tinta-da-china sobre papel) de desertos vastos, montanhas. E na exposição “O Arquitecto de núvens” (2010, Galeria João Esteves de Oliveira) criou guaches com folha de ouro sobre papel – representações do mar.

É nestes desenhos também que o artista revela o seu profundo conhecimento da história de arte, dos grandes mestres pré-impressionistas e românticos, como por exemplo os artistas britânicos William Turner ou John Constable.<sup>6</sup>

Na outra série de barcos – já sobre um papel maior que A3 e desenhados a lápis – esses ocupam na sua maioria espaços mais marginais do rectângulo no qual se encontram inscritos; os barcos, são habitados por pessoas, que no seu formato miniatura remetem para a paixão do artista pela iluminura, pela qual é conhecido.<sup>7</sup>

Esta série de desenhos é desafiadora para o nosso olhar – nem tudo que é iniciado pela mão e traço de Conefrey foi terminado –; de propósito, o artista deixa em aberto determinadas partes e zonas dos vários barcos que povoam a folha de papel – assim o vazio criado pelo espaço branco do papel funciona como fundo unificador ao mesmo tempo que pacificador no meio de todo o movimento que nos é apresentado...

Assim, Alexandre Conefrey articula o desenho em profundidade, desvendando e revelando estruturas submersas, trazendo para um plano visível o invisível, com a leveza e sabedoria do seu traço.

## BIOGRAFIA

Alexandre Conefrey nasceu em Lisboa em 1961, onde vive e trabalha. Fez o curso de desenho no Ar.Co, em Lisboa entre 1993 e 95 e foi bolseiro no Royal College of Art, em Londres.

Já apresentou as suas obras em várias exposições individuais, como por exemplo *The Pit: Dois abismos - Um poço fitando o céu*, Fundação EDP, Museu da Electricidade, Lisboa, 2015; *Mockingbird*, Casa Museu Nogueira da Silva, Galeria do Jardim, Braga, 2014; *Plus*, Galeria Miguel Nabinho, Lisboa, 2013; *To cut a long story short*, Giefarte, Lisboa 2012; *Hide and Seek*, Galeria Pedro Cera, Lisboa, 2004; *Andrew Mummery Gallery*, Londres, Reino Unido, 2000; *Fundação Calouste Gulbenkian*, Paris, 1999; *Galeria Alda Cortez*, Lisboa 1996.

Participou também em exposições coletivas como *Animalia e Natureza na Coleção do CAM*, Centro de Arte Moderna, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 2014; *Abecedário - 40 Anos do Ar.Co*, MNAC- Museu do Chiado, Lisboa, 2013; *Traços, Pontos e Linhas\_desenhos da Coleção António Cachola*, Museu de Arte Contemporânea de Elvas, Elvas, 2012; *O Fio Condutor: Desenhos da coleção do CAM*, CAM, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2010; *Guardi – A Arte da Memória*, Centro Cultural de Belém, Lisboa, 2003; *EDP Arte, Prémio Desenho/ Prémio Pintura – II edição*, Fundação de Serralves, Porto, 2001, entre outras.

As suas obras estão presentes em diversas coleções: AR.CO; Caixa Geral de Depósitos, Lisboa; CAM, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa; Coleção António Cachola; Ministério dos Negócios Estrangeiros; Fundação Carmona e Costa; Coleção de Arte Fundação EDP; e diversas coleções privadas.

<sup>6</sup> Ou como escreveu João Miguel Fernandes Jorge: “O desenho de Alexandre Conefrey é sempre uma inscrição da História. Compreende sempre um celebrar do Ocidente,” in: “O Arquitecto de Núvens”, exposição colectiva com Alexandre Conefrey, Gil Heitor Cortesão, Rosa Carvalho, Galeria João Esteves de Oliveira, 2010, p. 3

<sup>7</sup> João Miguel Fernandes Jorge: “Os desenhos de Alexandre Conefrey prolongam um movimento de escrita comum à sua prática de iluminura de livros [...]”, in: “O Arquitecto de Núvens”, 2010, p. 3.